

O HOMEM QUE ROUBOU O MENINO JESUS

Noite de consoada, na aldeia.

O povo, com os corpos bem abrigados nos casacões e capas que os protegiam do frio, dirigia-se para a Igreja, os passos mais arrastados uns que outros, a deixarem rastos na neve branca que atapetava o caminho.

Iam para a Missa-do-Galo e, depois de nela participarem, haveria o beijar da imagem do Menino para, no final, regressarem então cada um a sua casa ou à de familiares com quem compartilhariam a ceia do Natal.

Conforme entravam no templo, procuravam lugar num dos bancos e, depois de uma genuflexão, acompanhada do sinal da cruz sobre o rosto, já sentados soltavam os agasalhos enquanto os olhos percorriam a assistência a reconhecerem uns e outros para se demorarem, um pouco mais, nos dois altares laterais, floridamente enfeitados, e no principal, no tampo do recinto, qualquer deles em talha dourada, enquanto os azulejos, em tons de azul, ornamentavam as paredes à volta, com cenas da via sacra que lembravam o percurso dos últimos passos terrenos de Jesus, desde a prisão até ao monte do calvário.

Todos tinham orgulho na pequena igreja e todos eram seus zeladores, defendendo-a de possíveis assaltos e consequentes roubos.

O altar da direita era dedicado a Nossa Senhora e a imagem que representava Maria era diferente de todas as outras que se podiam ver em qualquer templo religioso. Conforme o padre que os acompanhava há já 15 anos, era a reprodução de uma obra da autoria de Rafael – pintor célebre da época da Renascença – e os

traços do rosto davam vida à escultura delicada que, quando enfrentada, parecia seguir e sorrir para cada um.

O altar em frente do da Senhora era dedicado a S. José, o pai de Jesus, e ele parecia proteger a todos os que dele se aproximassem, tal a ternura e a serenidade que se conseguia captar no olhar da imagem.

O altar-mor, todo ele em talha dourada, com o grande crucifixo que o encimava, completava a beleza dos outros dois – ou seria ao contrário? – e, no seu todo, a Igreja da Sagrada Família dava a quem a procurasse o silêncio necessário a uns momentos de meditação. Ali, cada um sentia-se mais próximo de Deus e, embora reconhecessem a necessidade de um padre para celebrar as cerimónias, vez por outra até que o dispensariam dada a sua maneira de ser: é que, muitas vezes, ele colocava a erudição acima da religião (e mesmo da caridade), mas aceitavam-no porque os ajudava a defender o património que era de todos, porque pertença da aldeia.

Os olhares das pessoas entrecruzavam-se uns com os outros, reconheciam aqui e ali um rosto estranho, talvez de algum natural distante, que escolhera o Natal para voltar à terra... Rostos de estranhos com leves traços a identificarem-nos com algum dos habitantes mais antigos... corpos bem agasalhados, uns alardeando um pouco mais de bem estar ou riqueza que o vulgo, outros simplesmente trajados como se o corpo fosse emprestado para o uso das roupas e não as roupas usadas para servirem e protegerem os corpos que revestiam.

Saindo da sacristia, o padre e o sacristão penetraram o recinto aproximando-se do altar e a missa começou, tornando-se demorada pelo número das pessoas que quiseram comungar. Depois da cerimónia acabada o padre regressou à sacristia para tirar os paramentos, voltando minutos após, já só envergando a sotaina branca, talvez por respeito à época natalícia. Encarou, esboçando pequeno sorriso, todos os fieis que aguardavam ainda nos seus lugares, movimentou-se até ao canto da direita onde fôra armado o presépio com todas as figurinhas que o compunham, retirou das

palhinhas a imagem do Menino e, com ela nas mãos, dirigiu-se para as grades que separavam o recinto do altar do restante espaço usado pelos frequentadores. Com um aceno de cabeça para a pessoa mais próxima, que logo se ergueu caminhando ao seu encontro, deu início ao tradicional “beijo ao Menino Jesus”.

Os beijos eram ternos, molhados, secos, lambuzados, repenicados... Havia beijos para todos os gostos e enquanto ele e o povo cumpriam com o ritual, cada um do seu lado das grades, o rosto do padre ia revelando uma certa impaciência pelo tempo que “aquilo” estava demorando: embora a igreja estivesse já meio vasia, o ‘beijocar’, conforme ele pensava, arrastava-se mais e mais, em atitudes sempre repetidas e saturantes. Se pudesse (quantas vezes ele o pensara já?), acabava com aquilo de vez; quando dissesse “a Missa acabou; ide em paz em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, o povo só tinha que sair rapidamente para que rapidamente também as portas fossem encerradas e ele pudesse procurar o descanso tranquilo da sua casa ou, quando o tempo o permitia, meter-se no carro e deslocar-se até à cidade mais próxima, para um convívio agradável com amigos e familiares. Ali, quase que por obrigação do cargo e maneira de ser de cada um, tinha de se mostrar outro – como se uma aura de santidade o envolvesse e ele estivesse em comunicação permanente com os santos, anjos e arcanjos! Gostava do seu trabalho mas gostaria de o realizar de maneira diferente, totalmente liberto do “cheiro das velharias” de que se revestia. Queria que a ‘sua’ fosse uma igreja moderna, frequentada por pessoas modernas sem vestígios das ‘teias de aranha mentais’ que o exigiam diferente e não o deixavam seguir em frente... e se não pedira, ainda, a transferência tal facto devia-se apenas à beleza das obras que ali existiam. Ele amava o belo, conseguia descobrir a beleza no mais recôndito de um traço rude, e a existente naquela igreja compensava-o de tudo o resto. Não era qualquer um que se podia vangloriar de estar rodeado de azulejos seculares, talha dourada e imagens copiadas de obras renascentistas – como as daquele Menino Jesus, por exemplo, que segurava naquele instante e valia milhares de dólares.

Bruscamente sacudido dos seus pensamentos pela lembrança do Menino, ‘recolocou-se’ no lugar do momento, verificando o esvaziamento da igreja. A última pessoa acabara de se virar para a saída e, olhando até ao fundo do recinto, não viu mais ninguém.

Com um suspiro de alívio voltou-se para o presépio, colocou a imagem nas palhinhas, aguardou que o sacristão fechasse as portas ainda entreabertas e voltou à sacristia, para sair.

A tarefa da noite estava, finalmente, concluída.

II

Para a primeira missa da manhã seguinte, não houve um único assistente. Considerado o facto de todos terem comparecido à Missa-do-Galo e, ainda, por ser feriado e todos se poderem levantar um pouco mais tarde, a população guardou-se para aquela que seria rezada às 10 horas e, um quarto de hora antes do seu início, começaram a chegar. Cumprimentavam-se alegremente, davam-se os votos de Boas Festas e entravam na igreja, alguns deles com fatos novos por debaixo dos casacos de abafar e comentando um ou outro facto acontecido durante a consoada.

À hora marcada o padre entrou com o sacristão, dando início à missa que todos aguardavam. Distribuiu a comunhão e no final, repetindo a mesma atitude da noite, foi-se desparamentar para regressar logo após, dirigindo-se ao presépio mas, um pouco antes estacou. Olhou em volta e perguntou para o sacristão:

- Onde está o Menino Jesus?

O sacristão encolheu os ombros e respondeu, num tom meio baixo:

- Não sei... Não fui eu que o guardei ontem!

- Eu deixei-o aqui, nas palhinhas!

Nos bancos, as pessoas entreolhavam-se e semi erguiam-se, tentando perceber melhor o que se passava à frente mas, de uma coisa já se tinham apercebido durante a missa pelos vistos, antes, até, do próprio padre!

- O Menino Jesus não estava no Presépio!

Virando-se para a assistência, o padre perguntou:

- Alguém tirou daqui a imagem do Menino?

Um zum-zum de indignação percorreu pela assistência.

- Que pergunta era aquela? Quem seria capaz de uma falta de respeito tão grande, por maior que fosse o amor de cada um por Jesus? Com que atrevimento o padre fazia tal pergunta?

E, à uma, eles ergueram-se e gritaram:

- Quem pensa que nós somos? Porque fariamos tal coisa?

Eles olhou-os, quase que a um por um, percorrendo assim toda a assistência: no seu olhar não havia caridade mas apenas indignação, raiva, talvez... e de imediato, fazendo sinal ao sacristão para fechar as portas, voltou a falar:

- Se ninguém mexeu na imagem – e eu não o fiz desde que aqui a coloquei ontem, tenho de concluir que está um ladrão entre nós. Ninguém sai, portanto: vou dar 15 minutos, à pessoa que abusivamente retirou a imagem, para a recolocar aqui, de onde não devia ter saído. Findo esse prazo chamarei de imediato a polícia, porque a imagem vale milhares de contos e não permitirei que daqui a levem! Portanto, quem quer que tenha sido, ou a devolve e tentaremos esquecer o caso, ou chamarei a polícia e não sairemos daqui enquanto não tenham todos sido ouvidos e examinados!

A indignação cresceu entre as criaturas: não é que o padre falava como se a imagem lhe pertencesse?! E vozes iradas levantaram-se aqui e ali, frases exaltadas culpando o próprio padre, passavam de uns para outros, percorrendo toda a assistência... e, meia hora mais tarde tudo continuava como antes e o sacristão, a mando do padre, telefonou para a polícia que, um pouco de má vontade – não era feriado e dia de Natal? – acabou por chegar. Escutadas as razões do pároco, o guarda presente observou o local do presépio e coçou a cabeça.

- Olhe, sr. Padre, para fazermos isto em condições vamos ter que chamar a Judiciária para averiguações, procura de impressões digitais, enfim tudo isso que vai ser necessário. Então, o melhor é tomar-se nota dos nomes de todas as pessoas, moradas, e cada um

vai à sua vida! Não vamos obrigar a que fiquem aqui o resto da manhã ou do dia!... Fecha-se a igreja e depois vê-se o que a P.J. querará fazer. Se o objecto desaparecido valia assim tanto dinheiro, isso com certeza que foi obra de um qualquer gang e já vai a caminho da fronteira para ser vendido no estrangeiro. Não acredito que esteja por aqui...

Na ideia de cumprir com a sugestão da autoridade, o sacristão saiu de imediato para retornar, logo após, com papel e uma caneta. Anotados todos os nomes e moradas, as pessoas foram saindo, numa indignação crescente, que mais e mais se expandiu no adro da igreja: aquele representante de Deus na Terra estava mostrando que não era digno d'Ele... Jesus tinha falado em amor, em perdão, e ele o que fazia? Condenava por antecipação sem pensar, sequer, que estava em tudo contrariando não só os ensinamentos do Mestre como o que afirmava quando falava do Evangelho! Seria bom mesmo que a imagem aparecesse e, quando tal sucedesse, fazerem uma exposição ao Bispo e pedirem a transferência dele, por indesejada!

E as pessoas foram-se afastando pouco a pouco mas, em todas, a sensação era a mesma: o que levavam para as suas casas não era, em nada, a paz que tinham ido procurar quando se dirigiram à igreja naquela manhã de Natal... Mas justiça, com certeza, que seria feita: é que, conforme os nossos avós afirmavam, e os avós dos nossos avós também, Deus não dorme e a cada um segundo as suas obras e os seus méritos. Só tinham que esperar!

III

No meio da confusão que se gerara entre os frequentadores da igreja, quando se dera pela falta da imagem, ninguém reparara no vulto de um homem humilde, ao fundo do recinto, pertinho da pia da água benta. Com o cabelo por cortar, barba de uns poucos de dias, roupa coçada de quem tem pouco que vestir e vai usando sempre a mesma, o homem protegia-se do frio com um casacão comprido,

largo, que, por debaixo, possibilitava o uso de mais roupas; os bolsos, grandes, com um fundo imenso, quase que eram a mala portátil que ele usava nas suas andanças, mala de quem não tem casa, nem móveis, nem nada!

Naquela altura, no meio da confusão, ele meteu as mãos nos bolsos e foi recuando devagarinho, em direcção à saída, como que indiferente a tudo o que se passava no recinto. Já na rua, afastou-se rápido, rumo às ruínas de uma casa há muito desabitada, fora da vila. Entrando até ao fundo daquilo que, um dia, fôra um lar, dirigiu-se para um canto, onde uma velha enxerga lhe servia de leito. Ali, cuidadosamente, retirou a imagem de dentro do casacão, onde a escondera, e deitou-a no pano, encardido mas limpo, do lençol. Amorosamente, ajoelhou e falou para ela:

- Pronto, meu Menino! Fiz como ordenaste: trouxe-Te comigo, mas a minha casa é muito pobre para Ti! Ficavas melhor ali na Igreja, no presépio de que fazias parte... deixa-me levar-Te de volta?!

- Não, João... Sabes, um dia eu tive um companheiro, um apóstolo que também se chamou João... E eu quero que tu faças o mesmo que ele fazia: logo mais, quero que me leves àquelas criaturas mais pobres, que vivem sem um tecto, ao frio, à chuva, debaixo da ponte... Mas levas-me só o nome... vais falar para todos eles de Mim, que amo os desvalidos, os sofredores, os escorraçados da sociedade... Quero que o meu Nome seja para eles todos a esperança de um amanhã melhor... Quero que lhes lembres o meu ensinamento da semente do grão de mostarda e da fé, do tamanho da semente...

E João foi. De princípio, vendo-o aproximar-se, humildemente vestido, pensaram que era mais um, a tentar recolher-se ali, a exigir um pouco do espaço já tão apertado para todos, mas ele negou. Disse que os viu e que, por ser dia de Natal, lhe dera vontade de lhes falar de Jesus, esse Jesus de que a Terra comemorava, agora, o nascimento.... Jesus de que os Profetas haviam anunciado antecipadamente a chegada, que viera para os sofredores... e que todos aqueles que n'Ele acreditaram e O seguiram passaram a não

mais se sentirem sós... e perceberem o seu sofrimento sustentado por uma força que não sabiam explicar de onde lhes chegava!

Eles escutaram-no. De princípio, talvez sem pensarem muito no que lhes dizia, mas logo após, recordando, talvez, os tempos de infância, de uma velhinha que lhes ensinara palavras de uma oração há muito esquecida... lembrando que Ele viera porque amava a todos, mostrando-se simples como eles e negando-se a disputar o trono com o rei que governava a Judeia.

João ficou ali algumas horas. Falava sem pensar, como se estivesse inspirado e, ao despedir-se, falou comovido:

- Pensem sempre n'Ele, que Ele não nos abandona... Uma vez – sem querer referir o acontecido na véspera, falou, entretanto – uma vez, eu olhava-O e ouvi-O dizer: “Leva-me contigo!” De princípio não percebi mas, depois, compreendi que o que Ele queria era estar comigo no meu coração... Não percebi porquê mas, talvez, naquele local onde se encontrava, Ele sentisse o frio dos corações que O guardavam mas não O amavam... E trouxe-O.. comecei a fazer o que Ele pedia... e era tão pouco! Ele só queria que todos O conhecessem, que O amassem, que soubessem que Ele se preocupava com cada um de nós!... E desde aquele momento, creiam que sou feliz!

Os outros escutavam-no, agradados das palavras que lhe dirigiam – qual o raio de sol que rompe as nuvens mais escuras e cinzentas – e, quando ele se ergueu para partir, abraçaram-no pedindo-lhe que voltasse sempre que pudesse... e João respondeu simplesmente:

- Quando Ele quiser... o que Ele mandar eu faço!

No dia imediato, deslocou-se até um asilo de crianças orfãs e falou para elas do Jesus que disse para os que O rodeavam que não afastassem d'Ele as criancinhas, dando-as como exemplo para a imperfeição dos adultos... Depois, foi a vez dos presos, nas cadeias, aqueles que o vício, o ódio, o desamor, tinham atirado para a estrada do crime...

Dia após dia, seguindo as indicações do Menino, bateu a todas as portas onde havia um desamparado, um sofredor, um doente...

Para todos falou da mensagem do Divino Amigo; a todos confortou com a suavidade da sua fala, quando se referia a Jesus... Em todos fez brotar a semente da fé, da esperança, do amor desinteressado... enquanto, na Igreja, o padre continuava a clamar contra o ladrão da imagem avaliada em milhares de dolares e que ninguém conseguira ainda encontrar!

*

E ao fim de várias semanas, o Menino pediu-lhe:

- Agora, quero que me leves de novo para a Igreja: estes dias que estive contigo foram muito úteis; muitos dos nossos irmãos recordaram-Me como Eu sou, e voltaram a amar-me... Outros, ainda, perceberam que não importa a riqueza das vestes ou das palavras para se ser feliz como tu demonstraste ser... Outros, viram cintilar a estrela da esperança na maneira como os despertavas para os meus ensinamentos... Deixou de haver tantos corações empedernidos... egoistas... revoltados... e enquanto recordarem a tua visita, sentir-se-ão mais fortalecidos, como se Eu tivesse nascido de novo, estivesse de novo entre os homens... não recolhido, entre as paredes de um qualquer templo, mas agasalhado no coração de cada um! ... Vamos, chegou a hora!

João tomou a imagem do leito onde a colocara, chegou-a ao peito para a transportar para a igreja, para onde se dirigiu... Lá dentro não havia ninguém; dirigiu-se ao altar e deitou-a sobre ele: assim, seria logo encontrado, o seu Menino! Voltou-se, então, dirigindo-se para a saída... uma fraqueza repentina começou a tolheu-lo e, passando a porta da igreja sentou-se nos degraus, tentando respirar melhor.

Mais tarde, quando as primeiras pessoas começaram a chegar para a missa, viram aquele corpo morto, desamparado, estendido frente à porta do templo... O que não puderam, enquanto o socorriam, foi ouvir as palavras que ele escutara, razão daquele sorriso lindo que lhe iluminava o rosto:

- João, levaste-me contigo quando te pedi... Agora, levo-te Eu contigo, para a Minha Casa, onde nunca mais te sentirás só! Vem, meu querido: Eu estarei sempre contigo e com todos os bem-aventurados que me amem! Vem para a paz!

IV

E enquanto o Espírito João se refazia, na companhia de outros Espíritos Amigos que o recebiam, na aldeia o povo regozijava-se com a devolução da Imagem, que voltava para todos... e avisadas as autoridades de que, afinal, não houvera roubo, pois tudo estava como sempre, juntaram-se e dirigiram-se ao bispado, para exporem da razão da ida ali: queriam outro padre, um padre que, talvez, não conhecesse tão bem o valor das obras de arte que a Igreja possuía, mas que fosse fraterno... um padre que – se tinha que ser o representante de Deus na Terra – falasse de amor, de perdão, de caridade... Um padre que lhes transmitisse, mais e melhor, os ensinamentos de Jesus e não se preocupasse com o materialismo do dia a dia que não enriqueceria nunca as suas almas sedentas de luz!... Um padre capaz de amar todas as suas ovelhas e procurasse, ainda, juntar as que se encontravam tresmalhadas!

E compreendendo o anseio daqueles fieis o Bispo atendeu-os e pouco mais de uma semana decorrida novo pároco chegava à aldeia: era um velhinho de sotaina preta, meio coçada, mas que sorriu para todos quando os enfrentou para lá da grade do altar, a primeira vez que lhes apareceu, e lhes falou com palavras simples:

- Meus filhos, é grande a minha responsabilidade porque venho substituir alguém que valia muito mais que eu... mas uma coisa lhes garanto: é que, para cada um de vós, eu serei sempre o irmão, tal como Irmão de todos nós foi Aquele outro de que há tão pouco tempo se comemorou o nascimento... Vamos viver, não em função do que valemos, mas tentando seguir os exemplos que Ele nos deixou... Aquilo que eu quero é falar-lhes de Jesus, recordando o

amor que Ele sentiu por todos nós... Se o conseguirmos, todos seremos mais felizes... e se esta poderá ser uma das moradas da Casa do Pai vamos unir-nos todos, no mesmo desejo de merecermos outras, bem melhores, quando o Senhor nos chamar para Si. Amemos a Jesus!

F I M